

Biblioteca. Sumiu. Morreu? Ninguém sabe. O telefone de sua casa não responde. Um colega foi lá. O porteiro não sabia de nada, a não ser que não morava mais ninguém no apartamento. Alguém encontrou a esposa do professor na rua, por acaso, e quis falar com ela. Ao notar que se tratava de colega da Biblioteca, ela virou a cara, fez-se de surda, apressou os passos e desapareceu na primeira esquina.

O professor morreu? Morreu, sim, afirmam alguns dos seus antigos colegas. Mas, disse um outro, se morreu, não passou desta para melhor, pois muita gente diz, afirma, jura que quase todas as noites ele tem comparecido à Biblioteca. Uns viram, outros não. Uns dizem que o vêem sempre. Mas ficam de longe. Quando alguns mais corajosos tentam se aproximar, ele some, rápido, como um sopro, como uma chama que se apaga. E sempre à noite, quando já não tem quase ninguém na Casa. Ele sobe pelas escadarias, nunca usa o elevador. Leve, sutil, parece que nem pisa no chão. Abre a porta da sala de manuscritos, entra, fecha por dentro, como se precisasse abrir e fechar, pois há quem diga que já o viu entrar e sair sem abrir porta alguma. É tudo meio confuso. Ao certo, só se sabe que o professor nunca mais veio trabalhar, ninguém comunicou sua morte, nem missa de sétimo dia. Pior: tão cedo não se vai saber o que contém o códice 1358. Há quem não acredite em nada disso. Mas há quem diga, e gente muito séria, que não se pode negar um fato bem fora do comum: algumas vezes, ao abrirem a porta do cofre-forte onde estão guardados alguns códices, inclusive o 1358, encontram tudo revirado, papéis fora do lugar, folhas no lugar errado. "Então não foi ele" – retrucam outros –, "o professor nunca deixou nada em desordem".

Esta é uma das inúmeras lendas que transitam livremente pelos velhos corredores na Biblioteca Nacional. O próprio prédio, na sua majestade, nas suas cores sombrias, na sua vetusta seriedade, já é um apelo ao mistério. Na sala de manuscritos são guardados, no texto original, centenas de testamentos, muitos deles com certeza contestáveis, documentos de transações comerciais nem sempre justas, papéis que relacionam bens móveis e imóveis, partilhas de escravos, de riquezas mal divididas ou por dividir, conteúdos de velhos cofres só abertos séculos após